



MEC
SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO SUPERIOR



CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)

TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista

BOLSISTA: Vitória Evelen De Paiva Monteiro

Resenha crítica: “Quarto de Despejo”

Publicado em 1960, “Quarto de Despejo” é um livro autobiográfico escrito pela brasileira Carolina Maria de Jesus, reconhecida como uma das personalidades ilustres da literatura nacional, com seu nome registrado no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria. Nascida no ano de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, a autora também se destacou como compositora e poetisa, ampliando sua contribuição artística e cultural, sendo responsável pela produção das obras “Casa de alvenaria” (1961), “Diário de Bitita” (1986) e “Meu estranho diário” (1996).

A obra relata a dura realidade vivida pela autora como mãe solteira e catadora de papéis, residente na antiga favela Canindé. Desse modo, a narrativa descreve a sua luta diária para garantir a sobrevivência de sua família em meio à miséria e à exclusão social que os afetaram entre as décadas de 50 e 60, período marcado pelo intenso processo de modernização e expansão econômica, bem como pelo acentuado crescimento das desigualdades sociais.

A trama gira em torno dos relatos de Carolina Maria de Jesus, uma mulher trabalhadora e mãe de três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos que, por meio de seus diários, compartilha sua realidade. Dessa maneira, seus escritos detalharam sua rotina diária, desde o raiar do dia até o horário de dormir. Neles, Carolina narra sua trajetória de vida de forma crua e sincera, sem omitir nem mesmo seus pensamentos mais complexos. A autora busca, com sua escrita, dar voz a situações frequentemente negligenciadas pela sociedade. Ao fazer isso, ela denuncia as condições de vida dos indivíduos mais marginalizados, cujas experiências, embora penosas, raramente recebem a atenção necessária.

Diante do exposto, a principal problemática abordada no livro que afeta Carolina Maria de Jesus em sua luta diária para garantir a sobrevivência de seus

filhos é a pobreza extrema. Ela descreve a constante dificuldade para conseguir dinheiro e alimento, muitas vezes trabalhando até mesmo doente para não deixar seus filhos passarem fome. Outro ponto abordado de forma marcante é a fragilidade das relações sociais dentro da favela, isto é, mesmo compartilhando da mesma condição de pobreza, há um distanciamento e até hostilidade por parte de outros moradores, que, além de lutar contra a falta de recursos, também discriminam Carolina por ela ser uma mulher negra, solteira e mãe de três filhos. Essa exclusão não se dá apenas pelo aspecto econômico, mas também pela opressão estrutural ligada ao racismo e à desigualdade de gênero, que colocam Carolina em uma posição de vulnerabilidade adicional.

Além disso, a violência também é uma questão abordada na obra. Carolina, em seu relato, menciona que, apesar de todas as dificuldades para sustentar sua família, ela jamais se casaria, pois não quer se submeter a mais um tipo de violência, especialmente à violência doméstica que muitas mulheres de sua comunidade vivenciam. Para Carolina, a experiência de ser mulher e pobre a torna ainda mais vulnerável, e o casamento não representa uma solução, mas sim um risco.

Outrossim, é perceptível como Carolina valoriza a educação mesmo vivendo em condições insalubres e sem acesso formal ao estudo, ela compreende a educação como um dos poucos meios de transformar a realidade de seus filhos. Em seus diários, ela destaca a importância do aprendizado e expressa seu sonho de proporcionar uma vida melhor para eles, acreditando que a educação é uma das poucas formas de sair de Canindé. Dessa forma, Carolina demonstra uma visão crítica em relação ao Estado e à sociedade, reconhecendo que a marginalização de pessoas como ela é amplificada pela negligência das autoridades, uma vez que os indivíduos que vivem à margem da sociedade não possuem atenção ou apoio de políticas públicas.

Em suma, conclui-se que a obra “Quarto de Despejo” é uma leitura indispensável, posto que a obra expõe de maneira legítima e sem romantização a vivência de Carolina Maria de Jesus, não apenas como uma vítima da pobreza, mas como alguém que compreende as estruturas que perpetuam sua exclusão e marginalização. Além disso, a presença da gramática original de Carolina no livro publicado enriquece a leitura, proporcionando uma imersão ainda maior na história.